

Sarah Bauer
Técnica: Aquarela



Jornal
Relevo

Paraná | Agosto de 2013 | Edição XIV | Ano III

EDITORIAL

Tenho respeito profundo e quase temor por um poema do gigante Paulo Bomfim:

*Há sede nas águas
Fome no pão
Dor na alegria.
Somos o vento que passa
Na memória levaremos
Gotas de céu
Morrendo na vidraça.*

Às portas de completar três anos de periodicidade ininterrupta, o RelevO encontra-se diante dos nós da própria encruzilhada: ser um jornal grande ou ser um compêndio afetivo mais modesto.

Crescer significa um jornal com mais páginas, maior tiragem, mais colaboradores, maior distribuição, caixa de e-meio lotada, críticas literárias mais constantes, contato com novos autores, intervenção cultural.

Crescer significa que cada vez mais o editor lerá menos o que está retratado na história literária passada, que não haverá mais o mesmo amadorismo de dias iniciais - quando o jornal era fechado no bar e saíam erros tão grosseiros que chegavam a ser comoventes -, que o corpo a corpo literário pode diminuir e as relações pessoais mais embrutecidas.

Ainda somos uma identidade em construção. O que somos? O que representamos? Quantos nos leem?

Por ora, sem maiores respostas, adelante, em Bomfim:

Declaro à praça que as árvores querem voar com os pássaros.

Uma boa leitura a todos.

EXPEDIENTE

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo

Revisão: Mateus Ribeyre

Projeto gráfico: Iara Amaral

Arte-Final: Marcos Monteiro

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 3000

Edição finalizada em: 31 de julho

CONTATO

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal RelevO

jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

seus trabalhos no endereço caosordenado.com.

Ottavio Lourenço

Estudante de Filosofia, poeta e músico radicado em Curitiba.

Paulo Venturelli

Escritor, autor, entre outros, de Fantasmas de Caligem. Doutor em Letras, é professor da UFPR. Vive em Curitiba.

Renato Ostrowsky

Engenheiro civil, industrial e escritor natural do Rio de Janeiro (RJ) e radicado em Campo Magro (PR).

Carlos Silva

Poeta paulistano radicado no Recife (PE). É estudante de Direito.

Mário Bortolotto

Ator, diretor, dramaturgo e compositor brasileiro radicado em São Paulo (SP).

Saulo Pessato

Escritor, professor de literatura e autor de material didático. Vive em Campinas (SP).

Eva Parisi

Artista plástica curitibana. Trabalha com produção em pintura e gravura; participa de exposições individuais e coletivas em instituições públicas e em galerias de arte, no Brasil e no exterior.

Capa de Agosto:

Sarah Bauer.

Técnica: Aquarela e nanquim
devaneiosdegaveta.wordpress.com.

Capa de Julho:

Alexandre Stresser

Técnica: Carvão vegetal
www.alestresser.com.br

PRESTAÇÃO DE CONTAS JULHO DE 2013

ANUNCIANTES:

R\$ 50 (Pão & Vinho)
R\$ 50 (Fisk)
R\$ 50 (Avon)
R\$ 100 (Marcio Renato dos Santos)
R\$ 50 (Calceaki)
R\$ 130 (Dicesar Beches)
R\$ 100 (Toda Letra)
R\$ 50 (Joaquim)
R\$ 50 (Água na Boca)
R\$: 630,00

ASSINANTES:

RAssinantes
R\$ 50 (Cilene Tanaka)
R\$ 50 (Rubens Kuana)
R\$ 100 (Consolação Buzelin)
R\$ 50 (Lucas Leite)
R\$ 50 (Yuri Campagnaro)
R\$ 50 (Alexandre Guarnieri)
R\$ 50 (Guilherme Gontijo)
R\$ 450,00

Total: R\$ 1080

Correio: R\$ 90

Distribuição: R\$ 70

Papelaria: R\$ 50

Impressão: R\$ 850

Custo Total: R\$ 1060

DICESAR
BECHES
&
Advogados associados

www.dicesaradvogados.com.br

Avenida Iguazu, 2947, sala 74 (41) 3082-1470
Água Verde, Curitiba - PR

Rua Coronel Joaquim Palhano, 184, salas 1/2/3/4 - Centro, Araucária - PR (41) 3242-1554

BONSAI

por Daniel Zanella



Lara Amaral
Técnica: aquarela e pena

Lia deve ter 45 anos. Pergunto se conhece a música do Chico Buarque em seu nome. Não. Quero saber se já foi apaixonado por duas pessoas ao mesmo tempo. Estou sempre apaixonada. Muitas vezes. Começou a trabalhar aos 15. Ficou presa dois anos por ter matado o marido, que a batia todo dia. Está escrevendo um livro sobre suas histórias de prostituição, negócios errados, homens confusos, viagens inconsequentes, problemas com a cocaína e a pinga.

Apesar de tudo, será um livro alegre, diz.

*

Apareceu um gato aqui em casa. Um filhote. Moro numa rua sem saída. De tempos em tempos abandonam animais no campo ao lado. Eles ficam desnutridos. É um gatinho branco que só faz miar. Neste quase fim de madrugada, depois de controlar as lágrimas ao ouvir os olhos verdes vibrantes de Lia, o gatinho me esperava na porta de casa, escandaloso. Recolhi-o, dei água, segurei no colo, ele ronronava e miava, se enrolava em minhas pernas, deitava no chão, miava e miava, corria para baixo da cama, fez xixi no lençol, que tive, então, de trocar, impossível até o momento em que preparei minha cama e deitei. Ele, como se munido de um aprendizado natural, acalmou-se.

Aninhou-se em meus pés e dormiu.

*

Estamos bêbados neste Largo da Ordem de gente uma mais decrepita do que a outra, inclusive nós. Especulamos o que dá certo e o que dá errado em nossas vidas afetivas. Digo que a vida noturna de solteiro me cansa e a toada de namorar é contrária à minha natureza, dada a desejar sem fim e irritar-se com a rotina. Reclamo do amigo que encontrou uma moça que me interessava na semana passada. Lembro também ter feito isso com uma outra moça que ele saía. Decidimos nos ouvir mais. Outro amigo quer ir num lugar. Alega: uma mulher mandou mensagem dizendo que todos deveríamos ir até lá.

Pergunto seu nome: Lia.

*

Nunca tive um animal de estimação. Nem um bonsai. Muitos amigos eu perdi, alguns permaneceram. Já namorei prostitutas, cada qual com sua estrela. Recordo de uma que sonhava em ser atriz. Em frente ao espelho de meu quarto ela se fazia nua e me desafiava a pedir um sentimento. Tristeza. Ela ficava triste, não muito bem, mas ficava. Ira. Ódio. Indiferença. Amor. Chore, chore.

Depois de dez, doze interpretações, ela cansava do jogral e vinha pra cama. Qual dos sentimentos você gostou mais, meu amor?

CACHIMBO DE VIDRO, FLORES E OSSOS

DRAGONETE

Por Carlos Silva

Ornam-me as têmeoras prescientes as joias da maré. Sou preamar sob manju, inundando os arrecifes que são os corpos de marujos invictos. Sou baixa-mar sob kanju, desertando a cama salinizada por amantes oceânicos. Quem sabe a angústia dos dragões, a ressaca sob as escamas fabulosas? Névoa de ópio entre lanternas de papel alaranjado. Acolho no olfato ensanguentado o olor primigênio das algas. Testemunho o milagre de uma cerejeira imaculada brotando do areal das aflições. Tapeçaria delicada cantando cópulas heroicas. Trapaceira, traí o Imperador por trin-

ta tribades — enquanto o montava, treze xoguns negros deceparam-lhe a divindade.

Desonrei a constelação dos antepassados, a corte venerável dos demônios familiares — finamente tatuada sobre o dorso a dívida inestimável de mil suicídios rituais. Quem sabe a remissão dos monstros submarinhos, o fim honroso oculto nas conchas abissais? Relâmpago, kaiken parte da toca no quimono — para estilhaçar o colo de porcelana das damas, ou sangrar o tronco vigoroso dos samurais.

talvez soasse como um conselho, e ela não me parece do tipo que ouve conselhos. E ela não fala com estranhos. Só com psicólogos. Eu conheço a mulher ativa e bem sucedida, sempre entusiasmada na presença de espectadores. Consumista sem culpa. Chique disfarçando a afetação. Gostaria de dizer que seu look não é exatamente original, mas correria o risco de ser mal interpretado e eu não sou exatamente o cara mais indicado pra dar conselhos sobre acessórios femininos. Mas é que acho que eu já vi mulheres como ela em mais lugares do que poderia lembrar. E eu nem sou do tipo que frequenta a Oscar Freire ou o Fashion Mall. Ando por aí com uma angústia indisfarçável, que a mulher que eu conheço não vai dar essa colher. Meu amigo Losnak chama esse negócio de “um urso correndo no sótão”. Eu chamo de buraco no peito. Um buraco de 12, que eu não consigo encher com toda a cerveja do mundo. Não concebo a ideia da mulher ideal e me restabeleço prontamente depois de cada golpe. Ela tem um jeito pouco ortodoxo de se fazer notar. Acho que ficou tempo demais esperando por isso.

E agora não tá conseguindo prestar atenção. Eu poderia chamar de “descaso”, mas surpreendentemente vou chamar de “distração”. Uma cortina de fumaça em nossa relação. Eu amplio meu menu de expectativas e con-

tinuo por aqui conectado em sua órbita. Mas não tenho muito tempo. Por isso fecho as janelas no outono, pesco um western spaguetti e uma cerveja enquanto ela eletrifica a Rua Augusta. Me reconcilio de bom grado com minha solidão. Brindo com cerveja meus sentimentos mais egoístas. Ela simplifica o desejo na medida em que exerce sua sedução descompromissada. Seu denodo de conquistadora. Há homens que não foram feitos para terem suas bolas esmagadas em ratoeiras. Nossas ambiências noturnas não têm sido as mesmas. Por isso, o tal encontro previsível na padaria de manhã. Por isso, eu termino o croissant e pago minha conta e sempre vou embora sem olhar pra trás. Pro meu isolamento agradável e acolhedor. Eu conheço essa mulher. Então por que diabos eu tive o impulso intempestivo de abraçá-la na padaria nessa manhã chuvosa? E porque diabos eu tinha que atravessar o Oceano Atlântico pra chegar até o outro canto do balcão? Eu sei que corria o risco de ser mal interpretado. Por que diabos ela tava contendo o choro e eu fui embora incompetente, com duas latinhas de cerveja e o tal buraco de 12 no peito, evocando um Deus que eu quase abandonei? Eu nem conheço essa mulher. Deveria mesmo pensar que é melhor assim. Mais fácil, pelo menos, eu sei que parece ser. Mas não é o que acontece. E eu ainda corro o risco de ser mal interpretado.

Organização: Adriana Zapparoli

O OCEANO QUE NOS SEPARA

por Mário Bortolloto

“Ficamos deitados de costas, olhando para o forro e refletindo sobre o que Deus deveria estar pensando quando fez a vida ser tão triste assim?”

(Jack Kerouac)

Eu conheço a mulher que chega em casa de madrugada. Eu a vejo subindo as escadas ou tomando café na padaria com a maquiagem ainda borrada. Ela lê muito, frequenta cinemas de arte e ouve música em volume muito alto enquanto dança sozinha pela sala. Foi o que ouvi falar. Eu gostaria de dizer que ela anda lendo os livros errados e assistindo aos filmes errados. Mas eu correria o risco de ser mal interpretado e isso

por Fernanda Rodak

H.D.

Hilda Doolittle, conhecida apenas como H.D., foi uma poeta norte-americana nascida em 1886. Em 1904, H.D. entrou para a Universidade de Bryn Mawr, mas teve de abandoná-la dois anos depois por motivos de saúde e passou a escrever integralmente, dedicando-se à literatura grega e latina. H.D. foi encorajada a escrever por Ezra Pound, que ela havia conhecido em 1901, quando tinha apenas quinze anos e ele dezesseis, e com quem teve um breve relacionamento amoroso. Pound guiou H.D. em suas leituras e comentava seus poemas, servindo de grande influência para ela, contudo, seu relacionamento terminou em 1908 quando ele foi à Europa. Três anos depois ela também foi, e passou a morar na Inglaterra, onde entrou em contato com outros poetas que partilhavam os mesmos interesses estilísticos. H.D. ganhou reputação tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos através de publicações de poemas na revista Poetry.

Foi em Poetry que Pound começou a divulgar um grupo de poetas que depois ficaram conhecidos como “imagistas”, sendo H.D. seu membro mais representativo. Dada a sua profundidade e às alusões ao mundo clássico, a sofisticada poesia de H.D. requer uma leitura e uma análise cuidadosas.

Dentro da tradição do verso livre, ela estabeleceu padrões altamente complexos tanto em dimensões linguísticas como também psicológicas e histórico-mitológicas. Apesar de sua crucial importância para a literatura modernista, não foi dada muita atenção à poeta nos estudos brasileiros. Quando o Imagismo é mencionado, o que também não é muito comum, H.D. é meramente citada, dando-se mais atenção ao fundador, Ezra Pound. Portanto, a tradução da poesia de H.D. para o português é altamente necessária à medida que se queira entender a fundo o Modernismo norte-americano e a linguagem de vanguarda modernista em geral.

Lethe

*Nor skin nor hide nor fleece
Shall cover you,
Nor curtain of crimson nor fine
Shelter of cedar-wood be over you,
Nor the fir-tree
Nor the pine.*

*Nor sight of whin nor gorse
Nor river-yew,
Nor fragrance of flowering bush,
Nor wailing of reed-bird to waken you,
Nor of linnet,
Nor of thrush.*

*Nor word nor touch nor sight
Of lover, you
Shall long through the night but for
this:
The roll of the full tide to cover you
Without question,
Without kiss.*

At Baia

*I should have thought
in a dream you would have brought
some lovely, perilous thing,
orchids piled in a great sheath,
as who would say (in a dream),
“I send you this,
who left the blue veins
of your throat un-kissed.”*

*Why was it that your hands
(that never took mine),
your hands that I could see
drift over the orchid-heads
so carefully,
your hands, so fragile, sure to lift
so gently, the fragile flower-stuff--
ah, ah, how was it*

*You never sent (in a dream)
the very form, the very scent,
not heavy, not sensuous,
but perilous--perilous--
of orchids, piled in a great sheath,
and folded underneath on a bright
scroll,
some word:*

*“Flower sent to flower;
for white hands, the lesser white,
less lovely of flower-leaf,”*

or

*“Lover to lover, no kiss,
no touch, but forever and ever this.”*

Lethe

*Nem carne nem pele nem velo
Cobrirão você,
Nem cortina de carmim nem rico
Abrigo dos cedros estejam sobre você,
Nem o pinheiro,
Nem o pinho.*

*Nem a visão da carqueja nem do tojo
Nem do teixo,
Nem a fragrância do arbusto
florescendo,
Nem o lamento do pardal a te despertar;*

Em Baia

*Eu devia ter previsto
que num sonho você teria trazido
alguma coisa adorável, perigosa,
orquídeas empilhadas num belo estojo,
como alguém diria (num sonho),
“Eu lhe envio isto,
alguém que deixou as veias azuis
da sua garganta imbeijada.”*

*Por que foi que suas mãos
(que nunca tomaram as minhas),
suas mãos que eu pude ver
vagar em pétalas de orquídeas
com tanto cuidado,
suas mãos, tão frágeis, prontas para
levantar,
tão gentilmente, a essência frágil da
flor –
ah, ah, como foi isso*

*Você nunca enviou (num sonho)
a mesma forma, o mesmo cheiro,
não denso, não libidinoso,
mas perigoso—perigoso—
das orquídeas, empilhadas num belo
estojo
e dobradas sob um brilhante
pergamino,
algumas palavras:*

*“Flor enviada para flor;
para alvas mãos, a menos alva,
menos adorável das folhas de flor,”*

ou

*“De amante para amante, sem beijo,
sem toque, mas para todo o sempre
assim.”*

*Nem do pintarroxo,
Nem do tordo.*

*Nem palavra nem toque nem visão
Do amante, você
Deverá ansiar através da noite, a não
ser por isso:
O quebrar da maré alta a cobrir você
Sem pergunta,
Sem beijo.*

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**



OLHARES

Nunca existiu nada entre eles
Nada
Nenhuma história
Só um jeito de se olhar
Perplexo
Perdido
Perfeito
Dois prisioneiros
Unidos por olhares
Um mundo de impedimentos
Duas pessoas e vários compromissos
Nenhuma atitude possível
Somente desejos que se tornam
vestígios
Olhares e olhares, quem nunca falou só
com eles?
Você não?
Desculpe-me, mas não acredito na tua
versão.

Guilherme Klock
Técnica: grafite

por Alexandra Barcellos

Nós somos como a chuva que passa

Não sei se são os longos períodos de seca que nos fazem esquecer, mas cada vez que chove parece que é a primeira vez. As pessoas reclamam das ruas alagadas, lamentam não poderem sair ao ar livre, ficam abismadas com os desastres e acidentes causados pela chuva, ficam apreensivas com a previsão do tempo para o fim de semana e veem com alívio os vendedores de guarda-chuva nas calçadas.

Cada chuva ganha a importância de um evento único, vira assunto com desconhecidos, pauta no noticiário da tevê, motivo de preocupação para os governantes. Quando para de chover e as ruas secam, é como se nunca tivesse chovido. É vida que segue.

Não estava chovendo quando cheguei à conclusão de que, no grande esquema das coisas, a nossa própria existência é essa chuva passageira, com a (óbvia) diferença de que, depois que para, ela não volta a chover. Enquanto existimos, damos grande importância a cada pequenezinha que envolve a nossa existência, seguimos as regras como se o mundo dependesse disso e brigamos por coisas que nem vão mais existir daqui a dez anos.

Estamos aqui criando, falando coisas, fazendo filhos, guerras, provo-

cando desastres e mudando a geografia do planeta como uma tormenta que em breve vai passar. Para o universo, vai ser como um chuvisco de verão, um pingo inconveniente. Mas vai passar.

Quando eu era nova demais para saber das coisas e ainda não tinha aprendido que temos coração, intestino, cérebro e veias, eu jurava que, por dentro, o corpo humano era cheio de planetas. Que se alguém me abrisse, veria constelações e planetas boiando em um infinito negro. Eu sei, uma bobinha. Mas eu não deixava de ter razão: somos feitos da mesma matéria que se espalhou pelo universo formando planetas, estrelas, vida, tudo o que conhecemos e outras coisas que ainda nem chegamos perto de imaginar. Então, sim, o universo está dentro de nós.

Sabendo disso, é impossível ignorar as dimensões cósmicas do negócio em que a gente se meteu. O grande e importante para nós não é nada perto das grandezas com as quais o universo está acostumado a lidar. Que a Terra é insignificante na escala do tempo e do espaço e que não pode nem se considerar especial por abrigar uma forma de vida senciente que inventou a internet (especialmente por ter inventado a in-

ternet), porque só a gente acha a humanidade digna de nota, até onde se tem notícia.

Sabendo que somos feitos da mesma matéria do universo e sabendo que até o sol vai se apagar um dia, é impossível ignorar que também deixaremos de existir, não apenas individualmente, mas como espécie ou como marco do que quer que seja. E que o nosso fim, assim como o fato de estarmos fincados nesse planeta, respirando e usando a internet, não é nem minimamente relevante.

Aí nos apegamos a tudo isso aqui com uma imensa vontade, só porque é difícil aceitar o quanto somos desimportantes. Mas a ideia de sermos efêmeros não deveria ser tão desesperadora quanto saber que estamos lançados numa imensidão insondável e não temos nem onde nos segurar. A boa notícia é justamente que isso vai passar.

Nesse momento, eu estava tentando prestar atenção em qualquer coisa que não fosse a minha imensa azia.

Na mesa do bar, uns amigos jogavam conversa fora – já que eu sou sempre a pessoa menos falante da mesa – e eu só pensando na grandiosidade do universo, em como aquele momento era insignificante e que, em breve, nem eles, nem o garçom, nem o pedaço de chão onde estava a minha cadeira iriam existir mais.

Mas, para uma existência assustadoramente curta e passageira, a minha azia até que estava demorando a passar. Quanto mais eu tentava pensar em outra coisa, maior ficava a minha azia. De repente, ela era a maior coisa no bar, na cidade, no planeta. A azia ficou maior que o mundo, maior do que eu. Ficou do tamanho do universo.

Mas o final da história você já sabe. A azia passou, fui para casa, dormi, acordei para um novo dia. Porque tudo passa: a chuva, a dor, o cosmos. Inclusive – e principalmente – nós.

por Aline Valek



Joaquim Livraria

livronauta@joaquimlivraria.com.br

Rua Alfredo Bufren, 51 conj 2 - Centro / Curitiba-PR

LIVROS - LP S

(41)3078-5990

www.joaquimlivraria.livronauta.com.br



Quando o tumulto toma conta, não há tempo para pensar. A mente perde a capacidade de abstração e foca no instinto de sobrevivência. Na maior cidade do país, a lei da selva coloca vizinhos em trincheiras separadas e desproporcionais.

Dois mil, quinhentos e sessenta e três reais e vinte e oito centavos. Assim é medida a vocação de quem explora o adversário usando a própria vida como veste. Alguns colegas de farda conseguiam um troco por fora, mordendo aqui e ali, ou trabalhando nos dias de folga em casas de show. Mas ele, com filho pequeno e dignidade pra cuidar, vivia com dois mil, quinhentos e sessenta e três reais e vinte e oito centavos.

Na noite do confronto, acordou depois do meio-dia e ligou a TV. Rodou os canais e colocou em um filme de guerra. Gostava, sobretudo quando assistia junto com o filho. Gabava-se para o pequeno: também protegia a pátria. Mas, tendo que atravessar a metrópole de ônibus para trabalhar, logo trocou o filme por duas horas no trem e no metrô. Deixou o filho aos cuidados da televisão.

Se ficasse, veria o drama de uma família alemã de posição relativamente destacada, cujo pai era oficial nazista.

Na trama, a esposa descobre que no campo de concentração cuidado pelo marido centenas de judeus são queimados em fornos enormes e bizarros. A partir daí, ela passa a não suportar aquele homem, a quem a sociedade prestava condecorações.

Por mais trágico que seja o fim, o filme terminou sem que o menino tenha se dado conta do conflito que vive o oficial: em crise moral, obedece ao superior ou à consciência?

Felizmente, a noite começou tranquila. Estava destacado em um ponto ameno. Rememorou o filme e ansiou pelas férias: eles veriam muitos filmes. Na frente da TV ainda não quitada, ele sempre seria para o filho o guerreiro mais corajoso, justo e leal.

Logo, porém, o barulho da multidão subindo a rua o encontrou. Gritavam, bradavam e o soldado se pôs alerta. Engraçado: há cinco anos era tão sonhador quanto os estudantes que o desafiavam. Mas então veio o casamento, o filho, a polícia... E em algum

lugar ficou para trás o querer-mais. Hoje, a manutenção da casa financiada era seu horizonte – só Deus sabe quanto custava honrar o trivial sem ter que ceder a recursos fáceis.

Desafiavam-no. Quando o tumulto toma conta, não há espaço para ponderar.

Segurou o bastão com mais força, pedindo a Deus que a noite não fosse violenta. (Não deve ter pedido com toda a sua fé.) Os colegas, que também vigiavam a região, olharam um para os outros e instintivamente foram ao encontro dos manifestantes. Ele também foi, pensando no filho e na esposa.

Ela se preocupava com o marido e rezava para que voltasse bem. Era um bom homem. Ele adormecia, aquecido, pensando no pai. Entrava passo a passo no escuro do sono, enquanto as lembranças do filme da tarde rasgavam o pensamento em explosões macias.

por Carlos Pegurski



Eva Parisi
Técnica: tinta acrílica

HOJE É DIA DE MARCIA

Parei em frente ao computador com um rodo em uma das mãos e um pano na outra. Abaixei o volume do rádio que estava quase ensurdecedor, tocava sertanejo. Parei e pensei “Por que eu sempre coloco sertanejo pra limpar a casa? Eu detesto sertanejo”. Isso eu ainda vou descobrir, mas é verdade que eu danço com a vassoura. Li umas das coisas mais bonitas que já lido de uma garota recém-apaixonada. Voltei, aumentei o volume do rádio que tocava um modão dizendo que alguém rabiscou o nome de outro numa mesa de bar. Pensei: “É, vou rabiscar o nome dele também”. Dançando com a vassoura, chorei. Sentei em frente ao computador decidida a escrever pra ele. Entretanto só consegui escrever isso, nada comparado àqueles versos que tinha lido antes. Mas saiba que por gostar tanto de você acho que fiz a escolha certa. Eu jamais escreveria tão apaixonadamente assim. Não pra você.

por Flávia Proença

VOX URBE

 Toda terça Abertura do Bar 21h
Entrada: R\$ 6,00

Worka Bar Rua Trajano Reis, 326, São Francisco 3026 6272



Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -
Araucária. Fone: (41)3642-1622

O ADEUS DE TERESA

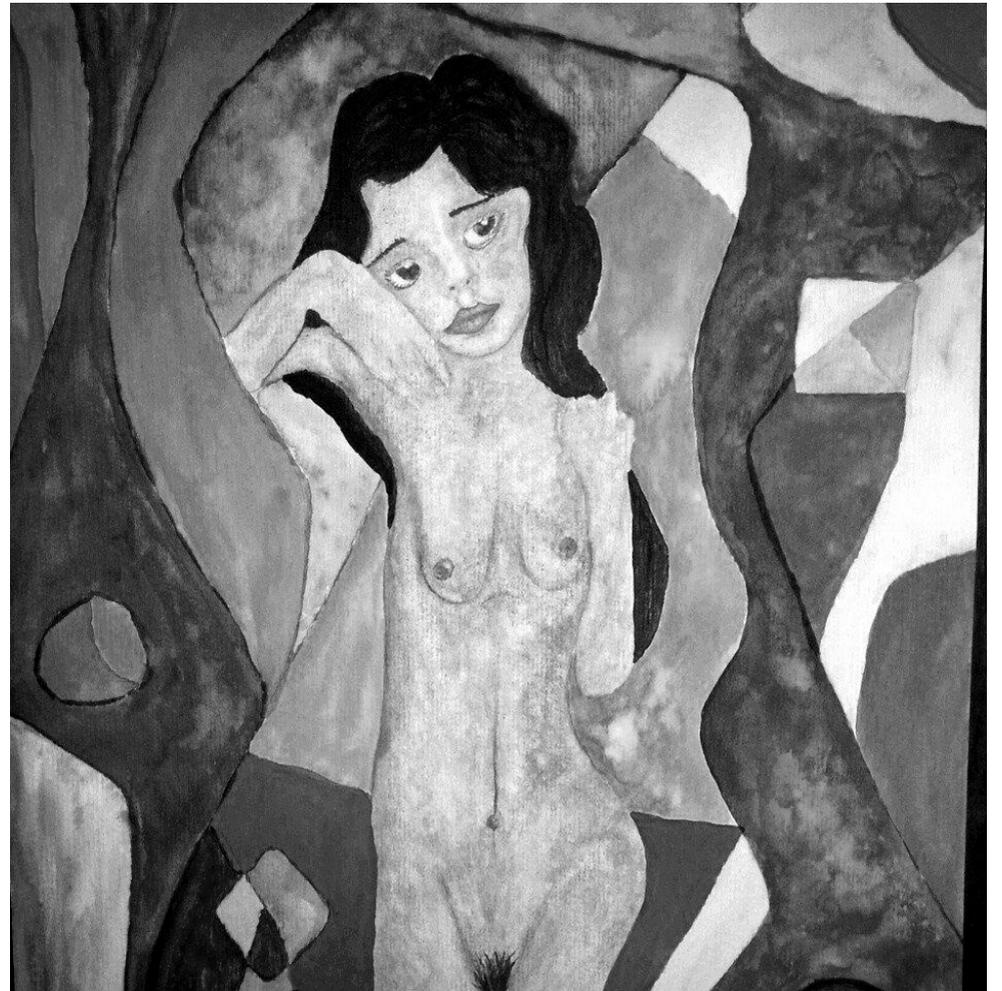
A primeira vez que vi Teresa,
alisei suas pernas por debaixo da mesa.
E, estupidamente pálida aos toques meus,
Teresa virou os olhos, me deu...
E adeus.

Quando vi Teresa de novo,
achei que teria de inventar alguma desculpa por não a
ter procurado,
mas Teresa tinha os olhos da mulher pós-Moderna,
superior a qualquer Machismo,
romântica, sim, mas adepta a certo Hedonismo, ao sexo
casual,
com viola e versos de repente, sextilhas galopantes,
oral,
sem compromisso e sem culpa.
Teresa dá porque tem vontade, porque sente desejo,
aquele mesmo irresistível desejo
tão positivo charme masculino,

tão pejorativo alarme feminino.

Teresa tem belas pernas e não é nada estúpida em mostrá-las...
Pernas-anzol, engodo, arapuca, as de Teresa,
que não é presa, nem caça, mas caça!
Teresa nunca foi Iracema, nem Imaculada,
nem Virgem Maria (Nossa Senhora, nunca seria!), nem qualquer donzela...
Teresa não é nossa, nem de ninguém,
mas quem ela quiser será dela.

Da terceira vez, não vi mais nada.
Apenas compreendi que não fui eu quem a pegou,
foi Teresa quem comeu e nunca me ligou.



Guilherme Klock
Técnica: tinta acrílica

LUIZ LOCO



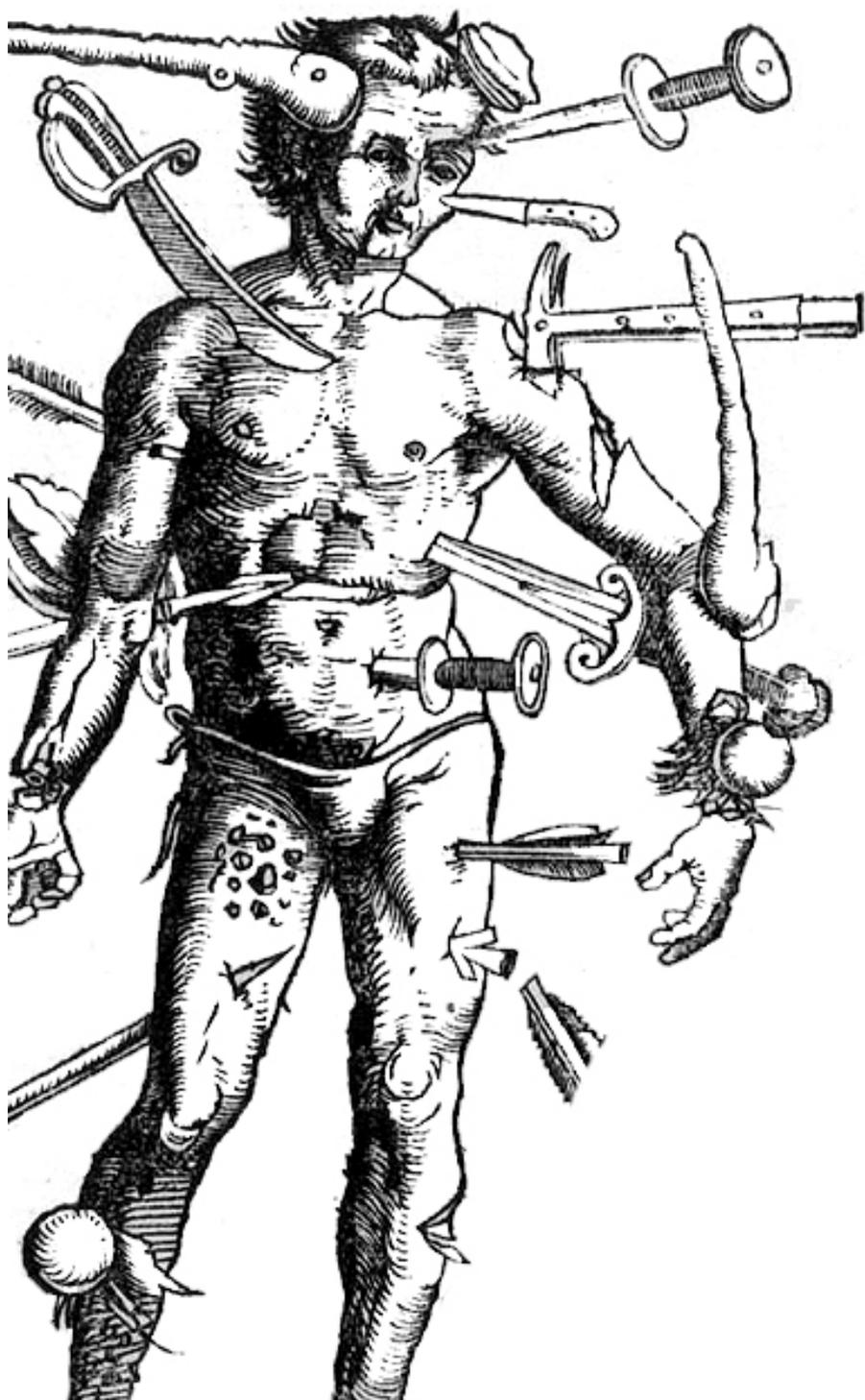
Do quarto emergem sussurros e gemidos. Na geladeira apenas água e bananas. Sobre ela, os óculos ray-ban de trinta pila. Na sala, o primeiro próxima no aguardo de sua vez. É numa dessas ruas abandonadas, por onde boas senhoras a caminho da igreja não se atrevem passar. À porta do apartamento, nada de anormal. Espiadela dentro, luz rubra provocante nos olhos, morena doida dança sensual. Preço de quem se valoriza: *três vermelhinha*. Uma luna por dia?

Já no caminho da farra, a sempre presente intenção de tomar nos braços a puta. Na verdade, Luiz Loco desde antes, desde casa já pensava nelas. O dinheirinho suado separado na carteira: oitenta conto. Primeiro fazer a desforra no som de Tamandaré. Depois, comprar amor. Melhor: alugá-lo.

Dizer que é mesmo tarado, não se diz. No PC, pasta nomeada “sacana-gem”. Os conhecidos riem-se de sua feiúra, divertem-se com sua falta de

jeito, incapacidade de arranjar mulher. Mas gostam, sim, de suas aventuras. Eduardão Batata é o primeiro a topar o negócio. Paulinho Morsa, pra provar que é macho, fechou a expedição. Afinal... *Quem tá pagando é o camarada...*

Então lá foram os três provar da coisa. Meio ébrios, errantes, chegam cantando pela rua. Justamente ali, onde os malacos de plantão percebem até passo de centopeia. Mas ninguém mexeu com eles. Parece haver algo que os realinha pelos caminhos tortuosos da juventude. Já no AP, Paulinho sangra. Edução tira o corpo fora e rouba a luna. Não é que o único a se divertir é o Loco? De fora se pode escutar o distinto eleito: *vou escancarar, encapuzar e depois vou pôr pra dentro!* Dito e feito: em pouco tempo os olhinhos revirados, sorriso nos lábios, a pequena concha feita pé-de-cabra, o copo cheio de leite, pênis em flor. Literatura pura feita de soco e grito.



Juan Valverde de Amusco

O primeiro protesto a gente nunca esquece

Poucas paisagens podem ser mais melancólicas que a da periferia de Curitiba num dia úmido e nublado. O cinza do céu se soma ao cinza do chão e confunde a percepção do horizonte – quando há um horizonte. Em dias assim, os sapos saem dos valetões e há uma porção deles esmagados sobre o antipó lunar que caracteriza essas regiões. A Vila Fanny dos anos noventa era desse jeito e, com exceção dos sapos, ainda é. Foi num sábado mais ou menos assim que o bairro recebeu a visita do prefeito, em 1996.

O prefeito vinha para inaugurar o novo pavimento de uma avenida, a Maestro Francisco Antonello. Perto dali, num sobrado da Capitão José Maria Sobrinho, a piizada matava o tempo com um Super Nintendo conectado a uma velha Telefunken. Quando a campanha toca, chega um menino com a notícia: “A mãe disse que o prefeito vem aí. Vão inaugurar a avenida”. O grupo decide ir conferir.

Entre o Super Nintendo e o palanque da inauguração há uma caminhada de uns quinhentos metros. Um dos

garotos, o mais gordo, tropeça num buraco do antipó e molha o pé. Ele culpa o prefeito, reclama do antipó e diz que sua tia, moradora do Jardim Social, jamais teria de lidar com o desconforto das meias encharcadas. O restante do grupo concorda e aponta os outros problemas do bairro, da sociedade e do mundo: a escola é um lixo, o pacote de Elma Chips está ficando menor e mais caro e os cobradores de ônibus não deixam a gente entrar pela saída para não pagar a passagem.

Alguém conta uma velha anedota, muito popular nas escolas públicas da Curitiba de então, que estabelecia uma relação de causa e efeito entre a merenda escolar mirrada e a obesidade do governador e do prefeito. Alguém tenta argumentar que as autoridades jamais comeriam a comida escrota servida na escola, mas não é ouvido. Um clima de insatisfação geral se instaura e qualquer coisa que soasse (ainda que de leve) como uma defesa dos políticos jamais seria ouvida.

O JEITO
DIVERTIDO
DE DOMINAR
O CONHECIMENTO.

FISK
CENTRO DE ENSINO
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA
R. JOÃO PESSOA, 35
TELS: 3642-3690
3031-7040

CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

Panificadora e Confeitaria
Pão e Vinho

Trabalhamos com livros sob encomenda
(41)3642-3552

Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

Durante o restante da caminhada, o grupo pragueja contra a reforma da avenida: um lugar a menos pra andar de bicicleta. Quando chegam ao lugar marcado para a inauguração, os garotos já estão convencidos de que é apenas lógico odiar o prefeito, a inauguração e até a faixa verde e vermelha cheia de frufus que seria cortada durante a cerimônia.

Quando as autoridades surgem no palanque, o grupo tenta vaiá-las. O público ao redor não adere. Uma polaca olha feio para as crianças, que dão um tempo na tentativa de escracho. Quando o prefeito começa a discursar, seu primeiro impulso é falar dos Faróis do Saber que inaugurou em vários bairros da cidade. O gordinho do pé molhado não resiste; coloca as mãos em concha ao redor da boca e berra para o prefeito que não há Farol do Saber na Vila Fanny. Berra alto o suficiente para ser ouvido. A polacona lança outro olhar severo.

Ao ser confrontado, o prefeito fala algo sobre a necessidade de “matar a sementinha da inveja plantada em nossos corações curitibanos” e garante que a Vila Fanny logo terá seu Farol do Saber. O gordinho teria protestado novamente se pudesse. Um homem de gravata o puxa para fora da plateia: “O que você está fazendo é muito feio. Ou você vai pra casa agora ou a gente te leva no carro da polícia”.

Sem querer assustar o restante do grupo, o piá de pé molhado sugere que todos voltem ao Super Nintendo porque “isso aqui tá muito chato”. Como o argumento é bom e não deixa de ser verdadeiro, todos concordam. Já de saída, ele puxa todo o catarro estocado no peito, fazendo um ronco úmido e nojento com a garganta. Cospe tudo na faixa verde e vermelha cheia de frufus e imagina o prefeito tocando a meleca inadvertidamente. “CORRE”, grita o gordinho, que será o primeiro a perder o fôlego.

Há os que culpam o tropeço e há os que culpam o buraco no asfalto. De qualquer forma, é sempre bom olhar onde pisa.

por Alvaro Borba



Jucélia
 (41) 3031-2357
 (41) 9663-7557

AVON
 the company for women

SODOMA

Corria. O pensamento sem fôlego tentava registrar todos os seus abandonos. Corria. O que era mais desespero deixar para longe: B., um pé de figo, lua cadente, vestido carmim, B., uma esquina, uma escada — corria — B., um terço de caroços de azeitona, anel de pedra falsa, colônia barata, xícara sem asa, algumas roupas de baixo, B., três ou quatro retratos — corria — discos, livros, assombros, B., avencas ao vento, musgos, um jardim, B., uma janela. Corria ao lado de A. Pensava em B. Aquelas tardes de cores lentas sussurros incendiando o silêncio risadas lambuzadas a sua língua a minha língua nunca mais as suas mãos. Onde a vertigem? Corria. Relâmpagos matam mais do que vulcões, furacões e terremotos. Corria com A. Correria com A. pelo resto da vida. Qual vida qual vida qual vida qual? Para sempre, tão iguais como o são uma saracura e um ramo de alecrim. Corria. Os dias monótonos medíocres — suave — os discursos insossos as noites inapetentes. Entre a sombra e a sombra, para sempre. Qual vida? Qual? Voava. Num repente, a valentia, última chance: olhou para trás.

Agora estátua de sal. E a sede.

por *Silvana Guimarães*



Iara Amaral
Técnica: nanquim e pena

Se tudo que se disse não fosse verdade,
e até mesmo no silêncio nada mais se lesse;
haveria ainda, tortas e tortuosas linhas,
para que o incerto seja descrito.

Um fio de Saliva.

A perda do único filho, ainda que de extraviado sangue, nem tão escolhido quanto encontrado, deixara o primeiro travo amargo na língua. Companheiro de muitas campeadas, no levar e trazer gado. Poucos anos após surgido, uma partida impensada – o menino nem chegou a completar os quinze anos... Tanto ainda por viver, experimentar, com ele reaprender. Falecera junto uma recém-ousada rejuventude paterna, ceifada ainda enquanto broto.

A fala embargada. Um olhar que, arredio, sobrevive ao tempo, e hoje outona tudo a que se dirige.

Um fio de saliva, lágrima suja, transborda da boca, percorre o pescoço e desemboca no mamilo murcho. O olhar, indiferente.

Um peito que não mais se espanta, de uma segura que essa baba amarga em vão tenta nutrir.

Ao falar da mulher, novo suspiro. Neste domingo, a missa... Dez anos completos de luto. De completo luto. Levou com ela, um “quê”, que deixa nele que ainda vive, um qualquer que já não pulsa. Um peito que não mais se espanta.

Mas houve um tempo em que se ousaram glórias. As mãos fortes, fiéis ao fardo da terra. Hábeis na lida com o gado. Coloridos tempos de feira e de quermesse; das histórias de seu pai, domador de burro brabo. Fama que depois acompanhou o justo filho, ‘João grande’ como era conhecido. Tempos bons, aquele idos.

Hoje está aí, sentado na frente da casa. Envergando nos anos o peso de tantos lutos. A espinha já não suporta, o peito não mais se espanta. Ele ali, apenas permanece. Vez em quando, das sombras de seu silêncio relampeja uma história, assim que nem vaga-lume; e ele fica lá falando sozinho, cantando feito passarinho. Dura pouco... Cada vez menos... Mas é bonito vê-lo falando, ouvir aquela voz grave e rouca, a fala pausada, delirante, mas bem articulada.

Para quem quiser ver, é fácil encontrá-lo na frente da casa: nem só, nem são, nem sábio. Apenas permanece.

por Gustavo Fontes

Uma vida de muitos amores

por Diogo Batalha

Vamos começar esse texto estabelecendo o seguinte: no Brasil, **menos de 50%** das famílias são constituídas por “pai, mãe e filhos”. A tal da “família tradicional”. Além disso, **75% dos homens** com mais de 70 anos assumem já ter traído e **69% dos homens** com mais de 60 anos se divorciam para casar com mulheres até 30 anos mais novas. Considerando que nem todos desses 69% que se divorciam devem estar dentro dos 75% que assumem já ter traído (e vice versa), podemos dizer que menos de 25% dos homens com mais 70 anos são fieis ou estão juntos até que a morte os separe da esposa com quem casaram.

Se a grande maioria desses homens não se mantém casados ou fieis às mulheres até o fim da vida, então podemos dizer que a “família tradicional” não é a família tradicional. O tradicional é o homem ter mais de uma parceira e/ou se separar para casar com outra mulher. Assimilou esses dados? Não? Então lê de novo do começo. Eu espero. Não quero que você leia esse texto com a consideração que a “família-tradicional-pai-mãe-filhos” é a nossa norma social. Vai assimilando aí.

Assimilou? Ótimo. Então agora vamos ao resto do texto.

Um certo dia resolvi mudar.

Eu adoro mulheres com personalidade forte (vou ter que explicar esse termo depois, rs). Mas elas dão um trabalhão! Se bem que deve ser por isso que eu gosto de mulheres com personalidade. Tirando um namoro que durou três anos, meus namoros geralmente duram bem pouco. Eles terminam por diversos motivos. Mas um motivo bem comum é que me entedio facilmente (acho que vou voltar pra terapia). Minha terapeuta, aliás, me dizia que não se preocupava comigo hoje. Que eu posso viver muito bem com isso. Meu problema seria quando estiver mais velho. Pode ser que eu não tenha ninguém por perto. Mas se eu fosse envelhecer com alguém só para ter “alguém por perto” para quando eu precisar, acho que vida pode me levar antes. Não tô afim de ser estorvo para ninguém.

Estou chegando cada vez mais à conclusão de que a monogamia não é para mim. Uma ex minha dizia que “eu gosto é da sedução”. Talvez ela tenha razão. Mas, se for assim mesmo, então é melhor eu assumir isso de vez e não me prender a valores que as pessoas esperam que as outras pessoas se prendam. Na verdade, a vida é isso: você tentar fazer

o melhor para você sem se prender ao que as pessoas esperam que você se prenda.

Nunca experimentei um relacionamento aberto. Já fiquei com garotas que também ficavam com outros garotos. Mas não chegávamos a nos intitular “namorados”, nem nada. Era bem sem compromisso. Mas, sobre relacionamentos abertos, o Alex Castro disse o seguinte:

“Relacionamentos abertos são difíceis. quase impossíveis. É duro encarar de verdade que seu companheiro é uma pessoa tão livre quanto você e que deseja somente ser feliz. É duro se abrir para a realidade que você está competindo com todos os outros homens e mulheres, sim, o tempo todo. Que seu companheiro pode a qualquer momento escolher ser feliz com outro, ser amigo de outro, confidenciar com outro, se divertir com outro. e que isso não é errado, não é canalha, não é traição: é nosso direito inerente de primatas livres. É enlouquecedor encarar de frente a completa falta de segurança e estabilidade, e aceitar o fato de que seu companheiro pode ir embora a qualquer momento. E, mais ainda, aceitar tudo isso ao mesmo tempo em que você ama de verdade, numa relação compromissada, cúmplice, confidente, onde existem sonhos e planos compartilhados.

Mas, por outro lado, relacionamentos monogâmicos, com toda sua carga de expectativas irreais e inalcançáveis, são simplesmente intoleráveis. Então, entre o difícil e o intolerável, a escolha é simples.

Ao menos, pra mim.”

Sérgio, Roberto e Lígia.

No seu livro *A Cama na Varanda*, Regina Navarro relata a história de Lígia, Roberto e Sérgio. Lígia era divorciada em busca do amor da sua vida. Conheceu Roberto. Só falava de Roberto, que morava em outra cidade. Jurava que ele fosse o amor da sua vida. Na véspera de Roberto vir encontrá-la, conheceu Sérgio. Foi para a cama com Sérgio. E começou a falar de Sérgio como falava de Roberto. Ligou para Roberto e pediu para ele não vir mais vê-la.

Nisso, Regina pergunta: “O que aconteceu? Lígia ama Sérgio? Então não amava Roberto? Nada disso. Assim como Tristão e Isolda, Lígia ama o fato de amar. Ama estar amando. Apaixona-se pela paixão. E não é um caso raro. Quase todas as pessoas da nossa cultura estão aprisionadas pelo mito do amor romântico e pela ideia de que só é possível haver felicidade se existir um grande amor. Não importa se a relação é limitadora ou tediosa. Qualquer coisa é melhor que estar sozinha”.

A Clara Averbuck diadesses tuitou o seguinte: “Sonhar em casar é uma cagada. Como sonhar em casar se nem conhece a pessoa ainda? Isso é casar com o casamento, não com a pessoa”. Já a Lola escreveu o seguinte:

“A existência deste modelo tradicional de casamento confunde-se com a instauração do patriarcado, que tem cerca de cinco mil anos.

A gente apaga a história, convenientemente esquece todos os 25 mil anos que vieram antes, e passa a ver esta versão de convivência como a



Panificadora e Confeitaria

Água na Boca

3642-9376

panificadoraaguanaaboca@hotmail.com.br
Rua Pedro Druszczyk, 122 - Centro - Araucária

Quem casa quer casa (o que mais quiser).

única forma possível e aceitável”.

Nos Estados Unidos está rolando um fuzuê, depois que uma pesquisa relevou que apenas 25% das famílias são aquelas ditas “tradicionais”. É metade do que já é no Brasil, para desespero dos conservadores que lutam para que o modelo dos anos 50 de família volte a ser instaurado.

“Ah, Diogo, mas todas as mulheres querem casar.” Ué, mas todas têm esse direito, se quiserem. Assim como há pessoas que tem relacionamento aberto, mas nunca ficaram com ninguém, além de seus parceiros. Mas sabem que podem, se quiserem. Mas não querem.

Eu não tenho nada contra o casamento monogâmico. Tenho, sim, contra a imposição de que ele é a única forma aceitável de relacionamento que duas pessoas podem ter, sendo que, como já disse, a quebra do contrato social matrimonial e o divórcio são muito mais comuns que o contrário.

*

“Nove anos morando juntos, uma empresa em sociedade, um apartamento sendo financiado, três gatas. E meus pais ainda dizem que eu não quero me casar por medo do compromisso, e chamam a minha companheira de ‘futura nora’”.

Este depoimento está em um dos comentários no texto sobre casamento da Aline Valek. Nele, ela fala sobre a sua situação de estar a cinco anos junta do seu parceiro: “Quem é que vai dizer que eu sou casada ‘de verdade’? Uma festa de casamento? O papa? Uma aliança no dedo? Um pedido de noivado? Um status de relacionamento no Facebook? Ao menos, nos meus documentos, o que vai dizer é uma certidão. Mas e na minha vida pessoal? Quem é que tem o direito de determinar isso? Minha família? Você? E a principal questão: por que isso importa?”

A família heterossexual monogâmica como único ou principal modelo de afetividade é uma balela. Ela já não existe como maioria. Quando se fala de feminismo, é exatamente isso: colocar em xeque aquilo que as pessoas acham que não deve ser colocada em xeque, mas sem saber por que acha que aquilo não deve ser colocado em xeque. Simplesmente porque foi sempre assim.

Trair não só é normal como é maioria. E o que é a traição? Nada mais do que a quebra do contrato social estabelecido. Talvez pelo casal. Talvez pela expectativa que os outros esperam daquele casal. A mesma pesquisa em que mostra homens como líderes no número de traição, mostra também um significativo aumento no número de mulheres que traem.

“De acordo com o estudo, que contou com 8.200 entrevistas em 10 capitais nacionais, 49,5% das casadas com idade entre 18 e 25 anos revelaram que traem seus maridos. Um salto em relação ao número de confissões de mulheres de 40 a 50: dessa faixa, 34,7% assumiram a traição. Apenas 22% das mulheres com mais 70 admitiram terem sido infiéis. Entre os homens de 18 e 25 anos, cerca de 65% se dizem infiéis. Na faixa entre os 40 e 50, o número aumenta para aproximadamente 70%”.

Se 50% das mulheres e 65% dos homens traem, então, por que então eles casaram? Por que não reveem seu contrato social com relação a monogamia? Mesmo que toda mulher sonhe em casar (o que não é verdade), fica claro que casar e ser monogâmico são coisas completamente diferentes. Aliás, os números mostram que elas sequer estão interligadas.

Sim. Ciúmes é um problema? É. Principalmente pelo lado do homem. Homens tendem a aceitar muito menos a ideia da mulher poder sair com outro homem. Mas o que você vai fazer? Matar sua parceira que você diz amar?

Regina Navarro explica o ciúme da seguinte forma: “Reeditando a mesma forma primária de vínculo com a mãe, o antigo medo infantil de ser abandonado reaparece e a pessoa amada se torna imprescindível. Não se pode correr o risco de perdê-la. O controle, a possessividade e o ciúme passam, então, a fazer parte do amor. Quando a pessoa consegue elaborar bem a dependência infantil e também se libertar da submissão aos valores morais, se percebe me-

nos ciumenta. Caso contrário, é difícil ter autonomia suficiente e podem reaparecer as antigas inseguranças, com exigência de exclusividade no amor. Como são poucos os que se sentem autônomos, observa-se uma busca generalizada de vínculos amorosos que permitam aprisionar o parceiro, mesmo à custa da própria limitação”.

“Mas você consegue amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo?” Não sei. Mas eu consigo amar meu pai, minha mãe e meus irmãos ao mesmo tempo. Nunca tive um relacionamento aberto. Mas hoje decidi não aprisionar ninguém à minha vida por questões sociais. Se a pessoa quiser ir, não vou prendê-la. Se ela quiser ficar, não a expulsarei. Se ela achar alguém que julga que a fará mais feliz, eu, como pessoa que a ama, não deveria deixá-la ir, porque querer a sua felicidade?

Acreditar em uma relação completamente livre, não que dizer que todas as relações do mundo devem ser livres. Cada pessoa faz de seus relacionamentos o que quiser. Mas é exatamente isso! O QUER QUISER. Não é o Estado, o machismo, a possessividade ou a propriedade privada que deve instituir o que é certo ou errado.

A sociedade machista pode até vir me apontar o dedo e dizer que “sou chifrudo”. Mas casamento, monogamia e chifre é tudo coisa que colocam, da mesma forma, nas nossas cabeças.

A ANARQUIA DA SOLIDÃO

Semana passada, eu andava por Porto Alegre e, aos poucos, entrava naquele estado mental de *estrangeiro culpando a cidade por suas expectativas frustradas*. É um fenômeno que aparece em diversas músicas: “não existe amor na cidade x ou y, preciso de um lugar do caralho, vou me entorpecer bebendo vinho”. Pois bem, sou paulistano e estava na capital gaúcha, prestes a entrar nessa bolha de pensamentos que gira em torno da ideia de solidão.

Você passa pelas ruas e vai criando o roteiro: essas garotas lindas, esguias e estilosas que ignoram a *minha* existência. Essas pessoas que conversam e — incrível — se entendem. Esses assuntos que não são os *meus*. Esses carros que atrapalham a *minha* passagem. Você monta o Lego com qualquer peça que estiver à mão. E pronto: o problema é a cidade, o ambiente urbano, os gaúchos etc.

No fundo, você sabe que está imaginando besteiras. Sabe que está superdimensionando as coisas e conectando cabos que transmitem nada. Você finge que não, mas sabe que está completamente imerso na sua própria ficção. E o que os gaúchos, ou qualquer outro povo, têm a ver com isso? Nada. Que sorte, quando um poste compassivo se choca com sua testa para fazê-lo acordar por alguns instantes.

Feliz ou infelizmente, nenhum deles

apareceu no meu caminho. E isso acabou me dando a chance de perceber melhor que há vários tipos de solidão. Porque, não sei você, mas eu costumo ignorar a qualidade única e aguçada de sentir-se solitário. Tendo a pensar na solidão como um bloco único e coerente de irritação emocional.

Mas há vários *estilos* de solidão. É como enfrentar uma tempestade. Algumas são violentas, e você quer se livrar logo delas. Mas também há tormentas calmas, agrídoces, contemplativas. Certas turbulências são tão gentis, que há um certo prazer em passar por elas. Por vezes, até queremos permanecer naquela situação.

Solidões são parecidas: há as agressivas, que causam repulsão imediata. As mais perigosas são aquelas saborosas, que convidam o solitário a se considerar *especial*, diferente. É aí que ele começa a querer explicar o fenômeno, colocando a culpa nas cidades etc. E atira na vítima, tentando acertar o bandido.

Não há uma explicação externa infalível para a solidão. Ela é uma denúncia (ou um eco) das nossas próprias expectativas. Portanto, não é a ausência de algo, como companhia, prioridades ou compreensão. É uma fotografia bastante clara de quão rígidos e impacientes podemos ser.

Às vezes também funciona como aquele momento quando o Coyote

vai cair no precipício, nos desenhos do Papa Léguas. A parte inferior do corpo cai e o pescoço se estica, mas a cabeça fica no alto. Coyote nos olha, num momento de total intimidade, e como que confessa: “meus planos me transformam num idiota, às vezes”.

Como muitos de nós, Coyote sofre de visão curta. Microgerenciamento. Nesse contexto fechado, nossos planos parecem tão lógicos. Nossos hábitos mentais parecem tão úteis. Mas a solidão surge como um elemento de caos, mostrando que algo ali não funciona. É preciso inserir uma perspectiva mais ampla (e incerta).

Sentir-se solitário é um momento parecido com aquele em que o GPS recalcula a rota. Produz um minuto de silêncio, a expectativa do próximo passo. E agora? Quando a solidez dos nossos objetivos é muito grande, esse minuto de *pausa* parece uma eternidade.

Assim, a solidão denuncia a fragilidade do controle. Mostra que, afinal, não queremos companhia, mas plateia. Não queremos contato, mas influência. Não queremos troca, mas entretenimento. E nem sempre há pessoas dispostas a entrar em nossas viagens de couch potatoes existenciais.

A boa notícia é que é possível sentir-se solitário a respeito de muitas coisas: gente, ideologias, perspectivas. O que significa que, em algum momen-

to, seremos atropelados pela anarquia da solidão. E, então, ela poderá se tornar um sistema imunológico poderoso. Uma correção contínua de curso.

Mas você sabe como funciona a mente, não é? Cedo ou tarde, vai querer botar cabresto na solidão. Vai tentar encaixá-la no *comando central*. E aí nos veremos tentando criar solidão, viver como solitários. Novamente, deve dar errado. Afinal, mesmo um eremita sabe que, com o tempo, até o ambiente se torna uma companhia — e que companhia.

Assim, parece que a única saída é deixar a solidão surgir. No meio da cidade, da festa, da rede social, no quarto, no campo, onde quer que seja. E também deixá-la partir sem aviso, sem rastro. Por favor, sente-se, tome uma xícara de chá. Seja minha companhia por agora.

por Eduardo Fernandes

O perfeito domínio da arte

No livro de contos *Golegolegolegah!*, o escritor curitibano Marcio Renato dos Santos apresenta narrativas de alta voltagem, com precisão concisa em enredos que deitam e rolam na ironia e, mesmo indiretamente, fazem alusão a uma cidade provinciana, com panelinhas e autofagia melindrada diante de quem constrói alguma coisa.

No “Decálogo do perfeito contista”, Horácio Quiroga determina no oitavo “mandamento” e no nono:

8. Toma teus personagens pela mão e leva-os firmemente até o final, sem atentar senão para o caminho que traçaste. Não te distrai vendo o que eles não podem ver ou o que não lhes importa. Não abusa do leitor. Um conto é uma novela depurada de excessos. Considera isto uma verdade absoluta, ainda que não o seja.

9. Não escreve sob o império da emoção. Deixa-a morrer, depois a revive. Se és capaz de revivê-la tal como a viveste, chegaste, na arte, à metade do caminho.

Pois é isto que Marcio Renato dos Santos faz em seu recente *Golegolegolegah!* Ele toma as rédeas dos personagens e leva-os firmemente até onde quer, com perfeito domínio da arte de criar alguém vivo e conduzi-lo com expertise, dando-lhe vida pulsante e convincente.

Ao mesmo tempo, o autor não se deixa levar pela emoção. Os contos são calculados para aquele *efeito único* que é o objetivo do conto, segundo Poe. Depurados pela lapidação verbal, as narrativas têm alta

voltagem ao nos apresentar personagens praticamente reduzidos a zero. Estes personagens parecem cimentados numa condição imutável, para a qual não veem saída. É como se seu destino fora traçado por deuses desconhecidos que lhes teriam lançado a maldição: fiquem onde estão e não se atrevam a dar um passo à frente. Isolados, perdidos de si mesmos, enfrentam o inferno de uma solidão áspera em que tudo conspira contra eles. Felicidade? Não a atingem nem de longe. Desespero? São tão anulados por seu cotidiano sombrio e massacrante que sequer se dão ao luxo de arrancar os cabelos.

Protótipos de um mundo esvaziado de sentido, um mundo que não tem mais lugar para o humano, um mundo talhado na mornidão do não sentido, eles chafurdam na vala comum dos escrotos que se perderam de si próprios e, principalmente, do outro. O outro pode, às vezes, ser um fantasma, mas não tem referencialidade substantiva para lhes dar o suporte de uma interação viva, complexa, na indefinição de toda convivência.

É claro que hoje em dia vivemos todos à mercê e ao redor de nosso umbigo. Os personagens de Marcio Renato dos Santos levam isto ao extremo.

Não saem de casa, não conhecem a cidade onde moram, muito menos as suas ruas, seus bares, seus restaurantes. E quando saem, não passam de autômatos numa prática existencial engessada num nada corrosivo que os leva sempre a becos sem saída.

Triviais e anônimos, desqualificados e de baixa extração (mesmo quando têm dinheiro, cuja origem é sempre indeterminada), eles levam uma vida ao rés do chão, porque lhes falta um projeto existencial, lhes sobra uma nulidade acachapante em que estão sozinhos perante o próprio ato de existir. Se eles se olham no espelho, não se reconhecem porque seus traços foram diluídos e devorados pela trivialidade de seu rastejamento na vala dos comuns mortais, em que tons de personalidade deixaram de existir.

Plenos das mazelas mais triviais, eles sequer têm um nome próprio, com exceção de Zé Ruela. Este, mais que nome, tem uma série de apelidos que o desqualificam e o jogam à margem de uma existência tranquila no bairro em que mora. Afinal, é o louquinho do lugar, mais soterrado que respirando o ar de todos.

Vamos dar uma olhada, ainda que rápida, em cada conto que compõe o livro:

“Golegolegolegah!” — um título que é uma longa onomatopeia para a rarefação do personagem-narrador. Este fulano abandonou sua cidade natal que era dominada por uma família de tiranos que controlava a todos. Mudou-se para Goiânia. Mas pode ser também Maringá, Florianópolis, Caxias do Sul ou Campinas. Ele não vê diferença de um lugar para o outro. Enquanto narra, tem consciência da sua função e interrompe o ato de es-

crever várias vezes para cuidar de trivialidades, como beber um copo d’água. E não tem muita certeza do ponto em que deve terminar a narrativa. E o texto que ele escreve, o vem fazendo há anos: escreve, apaga, reescreve.

“Você tem à disposição todas as cores, mas pode escolher o azul” — um título lírico, afável para uma história em que o narrador-personagem não tem controle sobre nada. É um obsessivo: precisa passar por um mesmo ponto da cidade, sem definição geográfica. Até que certa vez o ônibus em que trafega tem uma pane e ele é obrigado a descer. Completamente desorientado, não sabe em que local está. Misturando fome e ansiedade, anda e desanda, sem saber onde ir. Até que reconhece uma rua e, a partir daí, vai em busca daquele ponto que automaticamente o chama: a passarela, a ruela, a viela, o canal, o posto que é seu trampolim para o azul. Você pode escolher o azul? Não, o azul é impingido como única condição possível, levando o leitor ao mesmo beco-sem-saída deste narrador que perdeu todas as cartas de seu jogo.

“Digital reverb delay” — um sujeito aparentemente normal. Mas não fala. Conformado. Passou sete anos numa prisão e não teve garras para se defender contra o que é acusado. Kafkiano, recebeu “dinheiros inesperados” e se instalou diante do mar. Todavia, tem saudades dos dias ruins. A garganta está inflamada por falta de uso. Grava suas falas para ouvi-las e refletir sobre “a sorte de não ter despencado no precipício.” Ele não despencou no precipício? Claro que sim. A partir do momento que “perde” a linguagem, ele se desumaniza, não tem mais uma interação possível com seus semelhantes e esta anulação de sua humanidade — já que a

linguagem faz o homem — é o vovoz precipício de sua nulidade. Ele é aquele que tenta se erguer puxando os próprios cabelos ou tentando pular a própria sombra. E assim, está emparedado numa condição sem pontes para o outro e, aut centrado, maceira-se na gravação do que diz, e sua reflexão é mais um ato de quem não é nem diante de si mesmo.

“Nevoeiro” — outro fulano que ganha um bom dinheiro, sem que isto seja condição de viver em plenitude. Costuma encontrar amigos mortos há mais de vinte anos. E nunca tem certeza: é o amigo que revê ou é alguém parecido? A morte aqui tem sua presença marcante como um contraponto ao raso existir de alguém que só sobrevive num dia a dia repleto de nada. O dinheiro virou mera moeda de troca que não disfarça seu processo de alienação em que está embutido. Sem um objetivo para ser e fazer, o escamoso cotidiano o sufoca e lhe cria a ilusão de ver rostos conhecidos que podem não ser. Então o que de verdade acontece é que ele está no interior de um labirinto de espelhos a refletir suas imagens indefinidas, imagens de um homem que não tem rosto próprio e cai no autoengano de pescar possíveis referências nesta ilusão de ver quem pensa que vê.

“Zé Ruela” — este é o louquinho das pernas fortes e dos braços finos. Costuma correr pela cidade e em lugar de isto ser algo positivo, é fator de desmerecimento diante da comunidade. Queria ter a profissão de mensageiro. O que consegue é ser rotulado de Gasta Sola, Carpe o Pé, Serelepe, o Louquinho da Rua, o Sem pausa. Louco manso, segundo sua própria concepção, tentou trabalhar para distribuir panfletos de propaganda. Desanimado, jogou tudo no lixo e perdeu o emprego. Sua dúvida:

até quando a cidade vai permiti-lo andar por aí? É o *homo faber*, molde do *homo ludens* que levou ao *homo loquax* desistindo de seus atributos, não desenvolvendo nenhum potencial, por isto não livre e um homem sem liberdade é o retrato de nossa sociedade em que nossos papéis são programados por ideologias dominantes que nos reservam pouco espaço de manobra na busca do ser.

“Cento e noventa” — roupas e sapatos importados. O personagem come em bons restaurantes. Porém, descobriu que o sucesso engorda. Morde-se porque um conhecido tem prestígio como músico e ele não compartilha da opinião dos que veem qualidade neste artista. Enfurece-se porque Fulano é tido como bom escritor e, ele, claro, não concorda com tal rótulo. Pensa em usar parte de seu dinheiro para demolir estes mitos. No fundo, um interesseiro cínico que enganou e conseguiu subir na vida. No seu nada, percebe “que talvez nenhuma palavra tenha importância como teve um dos primeiros sons que emiti e ouvi: *Golegolegolegah!*”

É preciso ressaltar o imenso salto de qualidade e maturação que o autor deu de seu primeiro livro *Minda-au* (Record, 2010) para este *Golegolegolegah!*. Ganhou em técnica, em densidade, em substância. Ganhou na precisão concisa de histórias que deitam e rolam na ironia. Ainda que as situações se passem sem uma localização precisa e definida, não é fora de propósito localizar estas histórias em Curitiba, com seus provincianismos, suas panelinhas, sua autofagia melindrada diante de quem constrói alguma coisa que o alça fora do comum.

Talvez, nos diversos contos, tenhamos sempre o mesmo personagem.

O importante é que o autor o(s) pegou pelas mãos e o(s) levou com firmeza

até onde queria, como prega Quiroga. E nos retratos secos, não há emoção. Há a racionalidade de quem escreve com equilíbrio, traçando um caminho de arquitetura textual muito bem pensado.

E não poderíamos deixar de dizer algumas palavras sobre o livro enquanto produto editorial. Uma edição surpreendentemente bela, dessas que fazem bem aos olhos e às mãos, rivalizando com as melhores editoras do país. Um projeto de design gráfico de primeira linha de Marciel Conrado, também responsável pelas sugestivas e intrigantes ilustrações.

É bom e salutar reconhecer (sem o provincianismo citado antes) que Curitiba não é mais só uma promessa, porque já tem um lastro de produção invejável em todas as artes, em especial na literatura. É só dar uma espiada na publicação de tantos jovens autores que apareceram nestes últimos anos.

Serviço: *Golegolegolegah!*, livro de contos de Marcio Renato dos Santos. Travessa dos Editores, Curitiba, 2013. 80 páginas. Preço: R\$ 30.

“TÃO BREVE QUANTO O AGORA”: MINIMALISMOS À PARTE

Alguns dos maiores escritores da literatura universal se destacaram pelo seu poder de concisão. Vide os narradores bíblicos, que em poucas linhas e, muitas vezes em poucas palavras, resumiam dramas dos mais complexos. Caso de Onan, filho do patriarca Judá, que foi punido com a morte por não querer engravidar a mulher do irmão morto. Onan ficou conhecido por “derramar seu sêmen sobre a terra”, e onanismo virou sinônimo de masturbação. Toda essa rede de intrigas e assassinatos é descrita em poucas linhas no livro de João e ilustra bem essa questão do narrador parcimonioso que não entrega informações extras ao leitor.

Assim como os narradores bíblicos descreviam o estritamente necessário, escritores como Ernest Hemingway, John Steinbeck, Faulkner também se utilizaram de uma linguagem direta, clara, não adjetivada e jornalística. A chamada Geração Perdida (alcunhada ao seletivo grupo liderado por Hemingway por Gertrud Stein) influenciou a geração de 30 no Brasil.

O movimento de 30 era engajado socialmente e a concisão também era almejada pelos jovens escritores como Jorge Amado e Raquel de Queiróz. Havia a necessidade de “passar a mensagem” antes de trabalhar com o estético, com a forma.

Vários outros escritores brasileiros contemporâneos se caracterizaram pelo poder de concisão e pelo uso da elipse. Exemplo mais bem sucedido atualmente é Dalton Trevisan.

Dalton foi aprimorando sua técnica de concisão ao longo dos anos e seguiu o caminho inverso da maioria dos escritores que, com o passar dos anos, passam a produzir textos mais longos.

Na poesia a elipse foi praticada por nomes dos mais variados, como Bashô (mestre do haikai), Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Paulo Leminski, Alice Ruiz. Vários poetas engajados da década de 60 também escreviam com uma economia de palavras incrível, tornando o efeito

de sentido uma espécie de elemento fundamental no corpo do poema.

Dos poetas curitibanos atuais que trabalham com haikai e com textos minimalistas, Álvaro Posselt é um dos mais relevantes. Posselt nasceu na Curitiba de 1971. Professor de língua portuguesa, tradutor, poeta e eventual parceiro deste periódico, Álvaro publicou em 2012 seu primeiro livro, *Tão breve quanto o agora* (Editora Blanche). No volume, Posselt nos apresenta 59 haicais. Em seus poemas há uma leveza ímpar sem cair no óbvio. O autor tece considerações filosóficas complexas nas entrelinhas de seus versos que só seria possível sob a pena de um minimalista nato.

O domínio da técnica do haikai permite que Posselt trilhe os meandros do gênero japonês com precisão. Assim como o poeta aponta mazelas sociais e as critica, também ri de acontecimentos cotidianos que normalmente passam despercebidos.

Tradução: Luíz Horácio
por Stephanie Hessel

Indiferença: a pior das atitudes

C'est vrai, les raisons de s'indigner peuvent paraître aujourd'hui moins nettes ou le monde trop complexe. Qui commande, qui décide ? Il n'est pas toujours facile de distinguer entre tous les courants qui nous gouvernent. Nous n'avons plus affaire à une petite élite dont nous comprenons clairement les agissements. C'est un vaste monde, dont nous sentons bien qu'il est interdépendant. Nous vivons dans une inter connectivité comme jamais encore il n'en a existé. Mais dans ce monde, il y a des choses insupportables. Pour le voir, il faut bien regarder, chercher. Je dis aux jeunes : cherchez un peu, vous allez trouver. La pire des attitudes est l'indifférence, dire « je n'y peux rien, je me débrouille ». En vous comportant ainsi, vous perdez l'une des composantes essentielles qui fait l'humain. Une des composantes indispensables : la faculté d'indignation et l'engagement qui en est la conséquence.

On peut déjà identifier deux grands nouveaux défis : 1. L'immense écart qui existe entre les très pauvres et les très riches et qui ne cesse de s'accroître. C'est une innovation des XX^e et XXI^e siècles. Les très pauvres dans le monde d'aujourd'hui gagnent à peine deux dollars par jour. On ne peut pas laisser cet écart se creuser encore. Ce constat seul doit susciter un engagement. 2. Les droits de l'homme et l'état de la planète. J'ai eu la chance après la Libération d'être associé à la rédaction de la Déclaration universelle des droits de l'homme adoptée par l'Organisation des Nations unies, le 10 décembre 1948, à Paris, au palais de Chaillot. C'est au titre de chef de cabinet de Henri Laugier, secrétaire général adjoint de l'ONU, et secrétaire de la Commission des Droits de l'homme que j'ai, avec d'autres, été amené à participer à la rédaction de cette déclaration. Je ne saurais oublier, dans son élaboration, le rôle de René Cassin, commissaire national à la Justice et à l'Éducation du gouvernement de la France libre, à Londres, en 1941, qui fut prix Nobel de la paix en 1968, ni celui de Pierre Mendès France au sein du Conseil économique et social à qui les textes que nous élaborions étaient soumis, avant d'être examinés par la Troisième commission de l'assemblée générale, en charge des questions sociales, humanitaires et culturelles. Elle comptait les cinquante-quatre États membres, à l'époque, des Nations unies, et j'en assurais le secrétariat. C'est à René Cassin que nous devons le terme de droits « universels » et non « internationaux » comme le proposaient nos amis anglo-saxons. Car là est bien l'enjeu

au sortir de la seconde guerre mondiale : s'émanciper des menaces que le totalitarisme a fait peser sur l'humanité. Pour s'en émanciper, il faut obtenir que les États membres de l'ONU s'engagent à respecter ces droits universels. C'est une manière de déjouer l'argument de pleine souveraineté qu'un État peut faire valoir alors qu'il se livre à des crimes contre l'humanité sur son sol. Ce fut le cas d'Hitler qui s'estimait maître chez lui et autorisé à provoquer un génocide. Cette déclaration universelle doit beaucoup à la révolte universelle envers le nazisme, le fascisme, le totalitarisme, et même, par notre présence, à l'esprit de la Résistance. Je sentais qu'il fallait faire vite, ne pas être dupe de l'hypocrisie qu'il y avait dans l'adhésion proclamée par les vainqueurs à ces valeurs que tous n'avaient pas l'intention de promouvoir loyalement, mais que nous tentions de leur imposer.

Je ne résiste pas à l'envie de citer l'article 15 de la Déclaration universelle des Droits de l'homme : « Tout individu a droit à une nationalité » ; l'article 22 : « Toute personne, en tant que membre de la société, a droit à la Sécurité sociale ; elle est fondée à obtenir la satisfaction des droits économiques, sociaux et culturels indispensables à sa dignité et au libre développement de sa personnalité, grâce à l'effort national et à la coopération internationale, compte tenu de l'organisation et des ressources de chaque pays. » Et si cette déclaration a une portée déclarative, et non pas juridique, elle n'en a pas moins joué un rôle puissant depuis 1948 ; on a vu des peuples colonisés s'en saisir dans leur lutte d'indépendance ; elle a ensemencé les esprits dans leur combat pour la liberté.

Je constate avec plaisir qu'au cours des dernières décennies se sont multipliés les organisations non gouvernementales, les mouvements sociaux comme Attac (Association pour la taxation des transactions financières), la FIDH (Fédération internationale des Droits de l'homme), Amnesty... qui sont agissants et performants. Il est évident que pour être efficace aujourd'hui, il faut agir en réseau, profiter de tous les moyens modernes de communication.

Aux jeunes, je dis : regardez autour de vous, vous y trouverez les thèmes qui justifient votre indignation — le traitement faits aux immigrés, aux sans-papiers, aux Roms. Vous trouverez des situations concrètes qui vous amènent à donner cours à une action citoyenne forte. Cherchez et vous trouverez !

É verdade, os motivos para se indignar atualmente podem parecer menos nítidos, ou o mundo pode parecer extremamente complexo. Quem comanda, quem decide? Nem sempre é fácil distinguir entre todas as correntes que nos governam. Não tratamos mais com uma pequena elite cujas ações nos pareçam claras. É um vasto mundo, no qual sentimos bem em que medida é interdependente. Vivemos em uma interconectividade de uma forma que jamais existiu. Mas nesse mundo há coisas insuportáveis. Para vê-las é preciso olhar bastante, procurar. Digo aos jovens: procurem um pouco, vocês vão encontrar.

A pior das atitudes é a indiferença, é dizer “não posso fazer nada, estou me lixando”. Quando se comportam dessa maneira, vocês estão perdendo um dos componentes indispensáveis ao ser humano : a faculdade de se indignar e a sua consequência, o engajamento. Podemos identificar dois grandes novos desafios, ambos a exigir soluções urgentes:

1. A imensa distância, que não para de crescer, entre os muito pobres e os muito ricos. Esta é uma novidade dos séculos XX e XXI . Os muito pobres, no mundo de hoje, ganham menos de dois dólares por dia. Não podemos deixar essa distância aumentar ainda mais. Só esta constatação já deve motivar um engajamento.

2. Os direitos humanos e o estado do planeta. Tive a sorte, após a Libertação, de integrar o grupo que redigiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, em Paris, no Palais Chaillot. Exercendo a função de chefe de gabinete de Henri Laugier, secretário-adjunto da ONU e secretário da Comissão de Direitos Humanos, fui, com outros, chamado a participar da redação daquela declaração.

Eu não poderia esquecer, em sua elaboração, o papel de René Cassin, comissário nacional para a Justiça e a Educação do governo da França Livre, em Londres, em 1941 – ele seria Prêmio Nobel da Paz em 1968. Nem a importância de Pierre Mendès-France no seio do Conselho Econômico e Social, a quem submetíamos os textos elaborados antes que fossem examinados pela Terceira Comissão da Assembleia Geral, encarregada das questões sociais, humanitárias e culturais. Comissão composta, na época, pelos 54 Estados membros das Nações Unidas, e eu era seu secretário. Devemos a René Cassin o termo direitos “universais”, e não “internacionais”, conforme nos propunham nossos amigos anglo-saxões. Pois aí estava o desafio, ao sair da Segunda Guerra Mundial: emancipar-se das ameaças que o totalitarismo

fazia pesar sobre a humanidade. Para nos emanciparmos, precisávamos conseguir que os Estados membros da ONU se comprometessem a respeitar esses direitos universais. Era uma maneira de silenciar o argumento de plena soberania que um Estado pode fazer prevalecer enquanto comete crimes contra a humanidade em seu próprio solo. Foi o que fez Hitler, que se julgava dono em sua casa e autorizado a provocar um genocídio. Esta declaração universal deve muito à revolução universal contra o nazismo, o fascismo, o totalitarismo e, mesmo, por nossa presença, ao espírito da Resistência.

Eu sentia que precisávamos ser rápidos, não nos deixar iludir pela hipocrisia existente na adesão proclamada a esses valores pelos que tinham vencido, nem todos com a intenção de lealmente promovê-los, mas tentávamos impor-lhes isso.

Não resisto a vontade de citar os artigos 15 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todo indivíduo tem direito a uma nacionalidade”; artigo 22: “Toda pessoa, enquanto membro da sociedade, tem direito à segurança social (previdência) à ela serão oferecidas condições de modo a permitir que usufrua dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade. Para isso contamos com o esforço nacional, com a cooperação internacional, desde que de acordo com a organização e recursos de cada país.” E, se esta declaração tem um alcance declaratório e não jurídico, nada a impediu de ter um papel poderoso a partir de 1948; constatamos que povos colonizados a utilizaram em sua luta pela independência; ela floresceu nos espíritos, em seu combate pela liberdade. Percebo, com imenso prazer, que ao longo das últimas décadas se multiplicaram as organizações não governamentais, os movimentos sociais, como a Attac (Associação para a Taxação das Transações Financeiras), a FIDH (Federação Internacional dos Direitos do Homem), e a Amnesty (Anistia)..., que são ativas e apresentam resultados notáveis. É evidente que, para ser eficiente hoje, é necessário atuar em rede, aproveitar todos os meios de comunicação modernos.

Aos jovens, digo: olhem em volta, vocês encontrarão os temas que justificam a sua indignação – o tratamento dado aos imigrantes, aos sem documentos, aos ciganos. Vocês encontrarão situações concretas que os levarão a por em prática ações cidadãs fortes. Procurem e vocês encontrarão!

TERNO DE VIDRO SEM GRAVATA
E LICENÇA POÉTICA

Quando nasci, um anjo errante,
desses sem bússola nem direção
disse: vai, cara, ser ignorante!

Não aceitei o mister, me revoltei
minha mãe alinhavou o meu destino
e, no escuro, plantou em mim,
o sonho de menino.

Alguém me apresentou o Dicionário
eu me embrenhei nas palavras
leve uma surra de fonemas e sintaxes
com metáforas bordei minha estrada.

Vesti meu terno de vidro
exerci minha opaca transparência
me apaixonei pela vida
bradei meu grito de independência.

por Renato Ostrowsky

Poemas integrantes do livro Opaca Transparência (Editora Kairós, 2012)

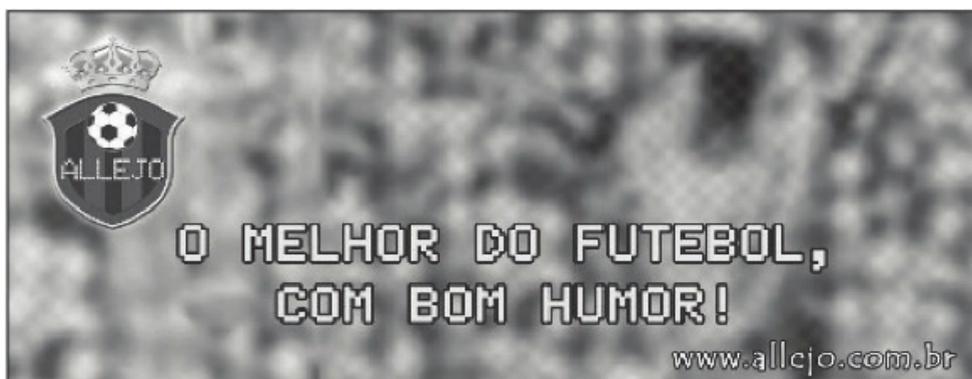
CATAPLASMA

Existe sangue
na trincheira
das entrelinhas
suor lágrimas
coisas minhas.

Existe uma
grande incompreensão
do dia a dia
franca agitação
falsa homilia.

Existe verso
para consolar
prosa proseio
constante recomeçar
amor devaneio

Existem formas
de escapar
subir respirar
abraço oração
escrever desabafar



Toda Letra
CONSULTORIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Revisão de TCC's,
Monografias,
Dissertações
e Teses

 www.todalettra.com.br
 @todalettra_
 facebook.com.br/todalettra
 contato@todalettra.com.br